

BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

UMA
CHAMA
ENTRE AS
CINZAS

SABAA
TAHIR



VERUS
EDITORA

SABAA TAHIR

UMA
CHAMA
ENTRE AS
CINZAS

Tradução
Jorge Ritter



VERUS
EDITORIA

Editora

Raissa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersí

Capa, projeto gráfico e diagramação

Adaptação da original (© Art Machine e Emily Osborne)

Título original*An Ember in the Ashes*

ISBN: 978-85-7686-493-6

Copyright © Sabaa Tahir, 2015

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2015

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753 -

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

T136c

Tahir, Sabaa

Uma chama entre as cinzas [recurso eletrônico] / Sabaa Tahir; tradução Jorge Ritter. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2015.

recurso digital

Tradução de: An ember in the ashes

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7686-493-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ritter, Jorge. II. Título.

15-27530

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

*Para Kashi,
que me ensinou que meu espírito
é mais forte que meu medo*

PARTE I

A BATIDA

I

LAIA

Meu irmão mais velho chega em casa antes do amanhecer, quando ainda está escuro e até os fantasmas descansam. Ele cheira a aço, carvão e forja. Ele cheira ao inimigo.

Seu corpo de espantalho passa pela janela, os pés descalços silenciosos sobre os juncos. Um vento quente do deserto sopra atrás dele, farfalhando as cortinas soltas. Seu caderno de desenhos cai no chão e ele o enfia debaixo do beliche com o pé, rápido como uma cobra.

Por onde você andou, Darin? Em minha cabeça, tenho coragem de perguntar, e Darin confia o suficiente em mim para responder. *Por que você sempre desaparece? Por quê, quando o vovô e a vovó precisam de você? Quando eu preciso de você?*

Todas as noites, por quase dois anos, eu quis perguntar. Todas as noites, não tive coragem. Só me resta um irmão. Não quero que ele se feche para mim como fez com todas as outras pessoas.

Mas esta noite é diferente. Eu sei o que há em seu caderno de desenhos. Sei o que isso significa.

— Você não deveria estar acordada.

O sussurro de Darin me arranca de meus pensamentos. Ele tem uma sensibilidade de gato para armadilhas — herdou isso de nossa mãe. Eu me ponho sentada no beliche enquanto ele acende a luz. Não faz sentido fingir que estou dormindo.

— Já passou do toque de recolher e três patrulhas passaram por aqui. Eu estava preocupada.

— Eu consigo evitar os soldados, Laia. Muita prática.

Ele pousa o queixo no beliche e abre o sorriso doce e torto da nossa mãe. Uma expressão familiar — aquela que ele usa quando acordo de um pesadelo ou quando ficamos sem grãos —, que diz que vai ficar tudo bem.

Ele pega o livro sobre a minha cama.

— *Reunião noturna* — lê o título. — Inquietante. É sobre o quê?

— Acabei de começar. É sobre um espírito... — Paro. Esperto. Muito esperto. Ele gosta de ouvir histórias tanto quanto eu gosto de contá-las. — Esqueça isso. Onde você esteve? O vovô tinha uma dúzia de pacientes esta manhã.

E eu te substituí porque ele precisa de ajuda. O que deixou a vovó sozinha para envasar as geleias do comerciante. Só que ela não terminou. Agora o comerciante não vai nos pagar, e vamos passar fome no inverno, e por que raios você não se importa?

Digo essas coisas em minha cabeça. O sorriso já deixou o rosto de Darin.

— Eu não nasci para curar — ele diz. — O vovô sabe disso.

Quero recuar, mas penso nos ombros caídos do meu avô esta manhã. Penso no caderno de desenhos.

— O vovô e a vovó dependem de você. Pelo menos converse com eles. Já se vão meses.

Espero que ele diga que eu não entenderia. Ou que me peça para deixá-lo em paz. Mas ele apenas balança a cabeça, cai no beliche e fecha os olhos, como se não quisesse ser incomodado.

— Eu vi seus desenhos. — As palavras saem aos borbotões, e Darin fica de pé no mesmo instante, com o rosto impassível. — Eu não estava xeretando — digo. — Uma das páginas estava solta. Eu encontrei quando mudei os juncos esta manhã.

— Você contou para a vovó e o vovô? Eles viram?

— Não, mas...

— Laia, escute. — *Que droga, não quero ouvir isso. Não quero ouvir suas desculpas.* — O que você viu é perigoso — ele diz. — Você não pode contar para ninguém a respeito disso. Nunca. Não é apenas minha vida que está correndo perigo. Tem outras...

— Você está trabalhando para o Império, Darin? Você está trabalhando para os Marciais?

Ele fica em silêncio. Acho que vejo a resposta em seus olhos e me sinto doente. Meu irmão é um traidor de seu próprio povo? Meu irmão está do lado do Império?

Se ele armazenasse grãos, ou vendesse livros, ou ensinasse crianças a ler, eu compreenderia. E teria orgulho dele por fazer coisas que não tenho coragem suficiente para fazer. O Império faz batidas, prende e mata por causa desses “crimes”, mas ensinar a uma garota de seis anos seu nome não é maldade — não na mente do meu povo, os Eruditos.

Mas o que Darin fez é doentio. É uma traição.

— O Império matou nossos pais — sussurro. — Nossa irmã.

Quero gritar com ele, mas me engasgo com as palavras. Os Marciais conquistaram terras eruditas quinhentos anos atrás e, desde então, não fizeram nada a não ser nos oprimir e escravizar. Outrora, o Império Erudito era o lar das melhores universidades e bibliotecas no mundo. Agora, a maioria do nosso povo não sabe reconhecer a diferença entre escola e armaria.

— Como você pode ficar do lado dos Marciais? Como, Darin?

— Não é o que você está pensando, Laia. Vou explicar tudo, mas...

Ele faz uma pausa subitamente, e sua mão se ergue de maneira brusca para me silenciar quando peço pela explicação prometida. Em seguida inclina a cabeça na direção da janela.

Através das paredes finas, ouço meu avô roncar, minha avó se mexer na cama, o canto de uma pomba selvagem. Ruídos familiares. Ruídos de casa.

Darin ouve algo mais. O sangue deixa seu rosto e o pavor brilha em seus olhos.

— Laia — ele diz. — Batida.

— Mas se você trabalha para o Império...

Então por que os soldados estão dando uma batida na nossa casa?

— Eu não trabalho para eles. — Ele soa calmo. Mais calmo do que me sinto. — Esconda o caderno de desenhos. É isso que eles querem. É por isso que estão aqui.

Em seguida sai porta afora e fico sozinha. Minhas pernas nuas se movimentam como melão frio, minhas mãos como blocos de madeira.

Rápido, Laia!

Normalmente, o Império faz suas batidas no calor do dia. Os soldados querem que mães e crianças eruditas vejam. Querem que pais e irmãos presenciem a família de outro homem ser escravizada. Por mais desagradáveis

que sejam essas batidas, as noturnas são piores. As batidas noturnas são feitas quando o Império não quer testemunhas.

Eu me pergunto se isso é real. Se é um pesadelo. *É real, Laia. Mexa-se.*

Jogo o caderno de desenhos pela janela na direção de uma cerca. Não é o melhor esconderijo, mas não tenho tempo. Minha avó caminha vacilante para dentro do quarto. Suas mãos, tão firmes quando ela mistura potes de geleia ou penteia meu cabelo, agitam-se como pássaros assustados, desesperada para que eu me mexa mais rápido.

Ela me puxa para o corredor. Darin está com vovô perto da porta dos fundos. O cabelo branco de meu avô está emaranhado como um fardo de feno, suas roupas amarrotadas, mas não há sono nos vincos profundos de seu rosto. Ele murmura algo para meu irmão, então passa para ele a maior faca de cozinha de vovó. Não sei por que ele perde tempo com isso. Contra o aço sérrico de uma espada marcial, a faca vai simplesmente se partir.

— Você e Darin, saiam pelo quintal — diz vovó, com os olhos dardejando de uma janela a outra. — Eles ainda não cercaram a casa.

Não. Não. Não.

— Vovó — sussurro e tropeço quando ela me empurra na direção de meu avô.

— Escondam-se do lado leste do bairro... — A frase termina abruptamente, seus olhos na janela da frente.

Através das cortinas esfarrapadas, vejo o brilho de um rosto prateado líquido. Sinto um aperto no estômago.

— Um Máscara — diz vovó. — Eles trouxeram um Máscara. Vá, Laia. Antes que ele entre.

— E você? E o vovô?

— Nós vamos segurá-los. — Meu avô me empurra delicadamente porta afora. — Guarde seus segredos para si, querida. Ouça Darin. Ele vai cuidar de você. Agora vá.

A sombra esguia de Darin cai sobre mim, e ele segura minha mão enquanto a porta se fecha atrás de nós. Curvado, ele caminha e se mistura à noite quente, movendo-se silenciosamente através da areia solta do quintal com uma confiança que eu gostaria de sentir. Embora eu tenha dezessete anos, idade suficiente para controlar o medo, agarro sua mão como se fosse a única coisa sólida no mundo.

“Eu não trabalho para eles”, disse Darin. Então para quem ele trabalha? De qualquer maneira, ele se aproximou o suficiente das forjas de Serra para desenhar, em detalhes, o processo de criação do ativo mais precioso do Império: as cimitarras curvas e inquebráveis que podem cortar três homens de uma só vez.

Meio milênio atrás, os Eruditos se desintegraram sob a invasão marcial porque nossas espadas se quebravam em contato com o aço superior. Desde então, não aprendemos nada sobre o preparo do aço. Os Marciais guardam seus segredos como um avaro guarda ouro. Qualquer pessoa — Erudito ou Marcial — pega próxima das forjas de nossa cidade sem uma boa razão corre o risco de ser executada.

Se Darin não trabalha para o Império, como chegou perto das forjas de Serra? Como os Marciais descobriram sobre seu caderno de desenhos?

Do outro lado da casa, alguém bate na porta da frente. Ouço o ruído de botas se arrastando e o retinir do aço. Olho ansiosamente à minha volta, esperando ver a armadura prateada e a capa vermelha dos legionários do Império, mas o quintal está deserto. O ar fresco da noite em nada ajuda para evitar que o suor role pelo meu pescoço. Ao longe, ouço a batida dos tambores de Blackcliff, a escola de treinamento dos Máscaras. O som aguça meu medo, e fico paralisada. O Império não envia esses monstros de rosto prateado em qualquer batida.

As pancadas na porta soam de novo.

— Em nome do Império — diz uma voz irritada —, ordeno que abram esta porta.

Darin e eu congelamos.

— Não soa como um Máscara — ele sussurra. Os Máscaras falam suavemente, com palavras que cortam como uma cimitarra. No tempo que um legionário levaria para bater e dar uma ordem, um Máscara já estaria dentro da casa, as armas cortando qualquer um que estivesse em seu caminho.

Darin cruza o olhar com o meu e sei que nós dois estamos pensando a mesma coisa. Se o Máscara não está com o restante dos soldados na porta da frente, então onde está?

— Não tenha medo, Laia — diz Darin. — Não vou deixar nada acontecer com você.

Eu quero acreditar nele, mas meu medo é uma maré que puxa meus tornozelos e me arrasta para baixo. Penso no casal que morava na casa ao lado: sofreram uma batida, foram presos e vendidos como escravos três semanas atrás. “Contrabandistas de livros”, disseram os Marciais. Cinco dias depois disso, um dos pacientes mais velhos de meu avô, um homem de noventa e três anos que mal conseguia caminhar, foi executado na própria casa, sua garganta cortada de orelha a orelha. “Colaborador da Resistência.”

O que os soldados vão fazer com meus avós? Prendê-los? Escravizá-los?

Matá-los?

Chegamos ao portão dos fundos. Darin fica na ponta dos pés para soltar a tranca quando um ruído de algo raspando no beco adiante o faz parar. Uma brisa passa como um suspiro, levantando uma nuvem de poeira.

Darin me empurra para trás de si. Os nós de seus dedos estão brancos em torno do punho da faca enquanto o portão se abre com um rangido. Um dedo de terror deixa um rastro em minha coluna. Espio adiante, sobre o ombro do meu irmão.

Não há nada ali a não ser o movimento silencioso da areia. Nada a não ser a rajada de vento que sopra de quando em quando e as janelas trancadas de nossos vizinhos adormecidos.

Suspiro aliviada e dou a volta em Darin.

Nesse instante, o Máscara emerge da escuridão e atravessa o portão.

II

ELIAS

O desertor estará morto antes do amanhecer.

Suas pegadas ziguezagueiam como um veado atingido pelo caçador na poeira das catacumbas de Serra. Os túneis o derrubaram. O ar quente é pesado demais aqui, o cheiro de morte e de podridão, próximos demais.

As pegadas já têm mais de uma hora quando as vejo. Os guardas têm o cheiro dele agora, pobre coitado. Se ele tiver sorte, morrerá na perseguição. Se não...

Não pense nisso. Esconda a mochila. Saia daqui.

Crânios se esmigalham quando empurro uma mochila cheia de alimento e água em direção a uma cripta na parede. Helene me daria um sermão e tanto se visse como estou tratando os mortos. Mas, se Helene soubesse por que estou aqui, a profanação seria a última de suas reclamações.

Ela não vai descobrir. Não até que seja tarde demais. Sinto ferroadas de culpa, mas as mando para longe. Helene é a pessoa mais forte que conheço. Ela ficará bem sem mim.

Pelo que parece a centésima vez, olho por sobre o ombro. O túnel está em silêncio. O desertor levou os soldados na direção oposta, mas a segurança é uma

ilusão, e sei que jamais devo confiar nela. Trabalho rapidamente, empilhando ossos na frente da cripta para esconder minha trilha, os sentidos atentos a qualquer coisa fora do comum.

Um dia mais disso. Um dia mais de paranoia, e se esconder, e mentir. Um dia até a formatura. Então estarei livre.

Enquanto rearranjo os crânios na cripta, o ar quente se desloca como um urso que acorda da hibernação. O cheiro de grama e neve é cortante através do bafo fétido do túnel. Dois segundos são tudo que tenho para me afastar da cripta, me ajoelhar e examinar o chão como se pudesse haver pegadas ali. Então ela está às minhas costas.

— Elias? O que está fazendo aqui embaixo?

— Você não ficou sabendo? Tem um desertor à solta.

Mantenho a atenção fixa no chão empoeirado. Debaixo da máscara prateada que me cobre da testa ao queixo, meu rosto deveria ser ilegível. Mas Helene Aquilla e eu estivemos juntos quase todos os dias dos catorze anos que passamos treinando na Academia Militar Blackcliff; ela provavelmente pode me ouvir pensando.

Ela dá a volta em mim silenciosamente, e eu a miro nos olhos, tão azuis e pálidos quanto as águas quentes das ilhas ao sul. Minha máscara repousa sobre meu rosto, separada e estranha, escondendo meus traços e minhas emoções. Mas a máscara de Hel se prende a ela como uma segunda pele, e posso ver o ligeiro vinco em sua testa enquanto ela me olha de pé. *Relaxe, Elias*, digo a mim mesmo. *Você só está procurando um desertor.*

— Ele não veio por aqui — Hel diz, passando a mão no cabelo, bem preso, como sempre, em uma coroa louro-prateada. — Dex levou uma guarnição auxiliar da torre de vigia norte para o túnel do braço leste. Você acha que eles o pegarão?

Soldados auxiliares, embora nem de longe tão treinados quanto os legionários e nada em comparação aos Máscaras, ainda assim são caçadores impiedosos.

— É claro que eles o pegarão. — Não consigo evitar o tom rancoroso na voz, e Helene me olha duro. — O desgraçado covarde — acrescento. — Mas por que você está acordada? Você não estava de plantão esta manhã. — *Eu me certifiquei disso.*

— Aqueles malditos tambores. — Helene olha o túnel à sua volta. — Acordaram todo mundo.

Os tambores. É claro. *Desertor*, eles haviam trovado no meio do plantão da madrugada. *Todas as unidades ativas para as muralhas.* Helene deve ter decidido se juntar à caçada. Dex, meu tenente, teria lhe dito para qual direção eu seguira. Ele certamente não pensara nada de mais a respeito disso.

— Pensei que o desertor poderia ter vindo por aqui. — Eu me viro de costas para a mochila escondida, para mirar outro túnel. — Acho que eu estava errado. Vou procurar o Dex.

— Por mais que eu odeie admitir, você normalmente não erra. — Helene inclina a cabeça e sorri para mim. Sinto aquela culpa novamente, violenta como um soco no estômago. Ela vai ficar furiosa quando descobrir o que eu fiz e jamais vai me perdoar. *Não importa. Você escolheu assim. Não pode voltar atrás agora.*

Hel risca a poeira no chão com um traço claro e experiente.

— Eu nunca estive neste túnel.

Uma gota de suor corre pelo meu pescoço, mas ignoro.

— É quente e fedido — digo. — Como todo o resto aqui embaixo. — *Vamos embora*, quero acrescentar. Mas, se eu disser isso, seria como escrever na testa: “Estou aprontando algo”. Sigo em silêncio e me recosto contra a parede da catacumba, de braços cruzados.

O campo de batalha é o meu templo. Mentalmente cantarolo um ditado que meu avô me ensinou no dia em que me conheceu, quando eu tinha seis anos. Ele insiste que o ditado afia a mente como uma pedra de amolar afia a lâmina. *A ponta da espada é o meu sacerdote. A dança da morte é a minha reza. O golpe fatal é a minha libertação.*

Helene espia meus rastros apagados e os segue até a cripta onde guardei a mochila, em seguida até os crânios ali empilhados. Ela suspeita de algo, e o clima entre nós fica subitamente tenso.

Maldição.

Preciso distraí-la. Enquanto ela olha de mim para a cripta, percorro lentamente seu corpo com o olhar. Helene tem quase um metro e oitenta de altura — quinze centímetros mais baixa que eu. Ela é a única garota que estuda em Blackcliff; com o uniforme negro e justo que todos os estudantes usam, sua forma forte e esguia sempre atraiu olhares de admiração. Só os meus que não. Somos amigos há tempo demais para isso.

Vamos lá, perceba. Perceba meu olhar malicioso e fique brava com isso.

Quando cruzo o olhar com o seu, descarado como um marinheiro que acabou de chegar ao porto, ela abre a boca, como se para me rasgar com os dentes. Então olha de volta para a cripta.

Se Helene vir a mochila e adivinhar minha intenção, estou perdido. Ela poderá odiar fazê-lo, mas a lei do Império exigiria que ela me denunciasse, e

Helene jamais desobedeceu a uma lei na vida.

— Elias...

Preparo minha mentira. *Eu só queria me afastar por uns dias, Hel. Precisava de um tempo para pensar. Não queria preocupar você.*

bum-bum-bum-bum.

Os tambores.

Sem pensar, traduzo as batidas díspares na mensagem que elas querem transmitir. *Desertor pego. Todos os alunos retornem ao pátio central imediatamente.*

Sinto um aperto no estômago. Alguma parte ingênua dentro de mim gostaria que o desertor pelo menos conseguisse deixar a cidade.

— Dessa vez não demorou muito — digo. — Vamos.

Caminho na direção do túnel principal. Helene me segue, como eu sabia que faria. Ela enfiaria uma faca no próprio olho antes de desobedecer a uma ordem direta. Helene é uma Marcial de verdade, mais leal ao Império do que à própria mãe. Como qualquer bom Máscara em treinamento, ela leva a sério o lema de Blackcliff: “O dever primeiro, até a morte”.

Eu me pergunto o que ela diria se soubesse o que eu realmente estava fazendo nos túneis.

Eu me pergunto como ela se sentiria a respeito do meu ódio pelo Império.

Eu me pergunto o que ela faria se descobrisse que seu melhor amigo está planejando desertar.

III

LAIA

O Máscara dá a volta no portão, as mãos grandes soltas ao longo do corpo. O estranho metal que lhe confere o nome se prende a ele da testa ao queixo, como uma pintura prateada, revelando cada traço de seu rosto, das sobrancelhas finas aos ângulos duros das maçãs do rosto. A armadura de placas de cobre se molda aos músculos, enfatizando a força de seu corpo.

Um vento passageiro encapela sua capa negra, e ele olha em torno do pátio como se tivesse chegado a uma festa a céu aberto. Seus olhos pálidos me encontram, percorrem meu corpo e param em meu rosto, com a consideração vazia de um réptil.

— Você é bonita — ele diz.

Puxo para baixo a bainha esfarrapada do vestido solto, desejando desesperadamente a saia longa e sem graça que uso durante o dia. O Máscara não move um músculo. Nada em seu rosto me diz o que ele está pensando, mas posso adivinhar.

Darin dá um passo à minha frente e olha de relance a cerca, como se calculasse o tempo que levaria para alcançá-la.

— Estou sozinho, garoto. — O Máscara se dirige a Darin com a emoção de um cadáver. — Os outros homens estão em sua casa. Você pode correr se quiser.

— Ele se afasta do portão. — Mas insisto que deixe a garota.

Darin ergue a faca.

— Cavalheiresco de sua parte — diz o Máscara.

Então ele golpeia, o que faz surgir um brilho de cobre e prata, como um raio caindo do céu limpo. No tempo que levo para ofegar, o Máscara enfia o rosto do meu irmão no chão arenoso e prende o corpo dele com o joelho. A faca de minha avó cai.

Um grito emana de mim, solitário na noite de verão tranquila. Segundos mais tarde, a ponta de uma cimitarra espeta minha garganta. Nem cheguei a ver o Máscara sacar a arma.

— Quieta — ele diz. — Mãos ao alto. Agora entre.

O Máscara usa uma das mãos para arrastar Darin pelo pescoço e a outra para me cutucar com a cimitarra. Meu irmão manca, com o rosto ensanguentado e os olhos atordoados. Quanto mais ele se debate, como um peixe no anzol, mais o Máscara o aperta com força.

A porta dos fundos se abre, e um legionário de capa vermelha sai para a rua.

— A casa está segura, comandante.

O Máscara empurra Darin na direção do soldado.

— Amarre-o. Ele é forte.

Em seguida me pega pelo cabelo e o torce, até eu soltar um gemido.

— Humm. — Ele inclina a cabeça até meu ouvido e me encolho, o terror preso na garganta. — Sempre adorei garotas de cabelos escuros.

Eu me pergunto se ele tem uma irmã, uma esposa, uma mulher. Mas não importaria se tivesse. Para ele, não sou parte de uma família. Sou apenas algo que pode ser subjugado, usado e descartado. O Máscara me arrasta pelo corredor até o quarto da frente, tão casualmente quanto um caçador arrasta sua caça. *Lute*, digo a mim mesma. *Lute*. Mas, como se ele sentisse minhas tentativas patéticas

de buscar coragem, sua mão me aperta com mais força, e a dor atravessa meu crânio. Eu me largo e o deixo me levar.

Os legionários estão parados ombro a ombro na sala da frente, em meio a móveis virados e potes quebrados de geleia. *O comerciante não vai receber nada agora.* Tantos dias passados sobre chaleiras ferventes, meu cabelo e minha pele cheirando a damasco e canela. Tantos vidros, fervidos e secos, cheios e fechados. Para nada. Tudo para nada.

As lâmpadas estão acesas, e meus avós estão ajoelhados no meio da sala, com as mãos amarradas às costas. O soldado que segura Darin o empurra para o chão ao lado deles.

— Devemos amarrar a garota, senhor?

Outro soldado corre o dedo pela corda que tem no cinto, mas o Máscara me deixa entre dois legionários corpulentos.

— Ela não vai causar nenhum problema. — Ele me transfixa com aqueles olhos. — Vai? — Balanço a cabeça e me encolho, odiando-me por ser tão covarde. Busco o bracelete manchado de minha mãe, que envolve meu bíceps, e toco a textura familiar à procura de força. Não encontro nenhuma. Minha mãe teria lutado. Ela teria morrido em vez de engolir essa humilhação, mas não consigo me mexer. Meu temor me paralisou.

Um legionário entra na sala, com o rosto mais do que um pouco nervoso.

— Não está aqui, comandante.

O Máscara olha para o meu irmão.

— Onde está o caderno de desenhos?

Darin olha fixamente à frente, em silêncio. Sua respiração é lenta e firme, e ele não parece mais atordoado. Na realidade, está quase tranquilo.

O Máscara gesticula, um pequeno movimento. Um dos legionários levanta minha avó pelo pescoço e joga seu corpo frágil contra uma parede. Ela morde o

lábio, seus olhos de um azul cintilante. Darin tenta se levantar, mas outro soldado o força para baixo.

O Máscara pega um caco de vidro de um dos potes quebrados. Sua língua vibra para fora como a de uma cobra enquanto ele prova a geleia.

— Uma pena não ter sobrado nada. — E acaricia o rosto de minha avó com a ponta do caco. — Você deve ter sido bonita um dia. Com esses olhos. — Ele se vira para Darin. — Devo arrancá-los?

— Está do lado de fora da janela do quarto menor. Na cerca. — Não consigo emitir mais que um sussurro, mas os soldados ouvem. O Máscara anui, e um dos legionários desaparece no corredor. Darin não olha para mim, mas sinto seu desalento. *Por que você me disse para escondê-lo?*, quero gritar. *Por que você trouxe essa coisa maldita para casa?*

O legionário volta com o livro. Por segundos intermináveis, o único ruído na sala é o farfalhar das páginas enquanto o Máscara folheia os desenhos. Se o restante do caderno for qualquer coisa como a página que eu vi, sei o que o Máscara vai ver: facas, espadas, bainhas, forjas, fórmulas, instruções dos Marciais — coisas que nenhum Erudito deveria saber, muito menos recriar no papel.

— Como você entrou no Bairro das Armas, garoto? — O Máscara ergue o olhar do livro. — A Resistência subornou algum laçao plebeu para colocá-lo para dentro?

Reprimo um soluço de choro. Metade de mim está aliviada por Darin não ser um traidor. A outra metade quer xingá-lo por ser tão tolo. A associação à Resistência dos Eruditos é punida com pena de morte.

— Eu entrei sozinho — meu irmão diz. — A Resistência não tem nada a ver com isso.

— Você foi visto entrando nas catacumbas na noite passada, depois do toque de recolher — o Máscara soa quase entediado —, na companhia de rebeldes

eruditos conhecidos.

— Na noite passada ele estava em casa bem antes do toque de recolher — vovô se manifesta, e é estranho ouvi-lo mentir. Mas não faz diferença. Os olhos do Máscara são somente para o meu irmão. O homem não pisca enquanto lê o rosto de Darin como eu leria um livro.

— Aqueles rebeldes foram presos hoje — o Máscara diz. — Um deles revelou o seu nome antes de morrer. O que você estava fazendo com eles?

— Eles me seguiram. — Darin soa tão calmo, como se já tivesse feito isso antes. Como se não tivesse medo algum. — Eu nunca os tinha visto antes.

— E, no entanto, eles sabiam desse seu livro aqui. Me contaram tudo sobre ele. Como eles ficaram sabendo? O que eles queriam de você?

— Eu não sei.

O Máscara pressiona fundo o caco de vidro na pele suave abaixo do olho de vovó, e as narinas dela se expandem. Um filete de sangue risca uma ruga em seu rosto.

Darin respira curto, o único sinal de tensão.

— Eles pediram meu caderno de desenhos — ele fala. — Eu disse não. Juro.

— E o esconderijo deles?

— Não vi. Eles me vendaram. Nós estávamos nas catacumbas.

— *Onde* nas catacumbas?

— Não vi. Eles me vendaram.

O Máscara encara meu irmão por um longo momento. Não sei como Darin consegue permanecer imperturbável diante desse olhar.

— Você está preparado para isso — o Máscara diz, deixando se revelar na voz um mínimo traço de surpresa. — Costas eretas. Respiração profunda. Mesmas respostas para perguntas diferentes. Quem treinou você, garoto?

Quando Darin não responde, o Máscara dá de ombros.

— Algumas semanas na prisão vão soltar a sua língua. — Vovó e eu trocamos um olhar aterrorizado. Se Darin terminar em uma prisão marcial,

jamais o veremos novamente. Ele passará semanas sendo interrogado, e depois eles o venderão como escravo ou o matarão.

— Ele é apenas um garoto — meu avô fala lentamente, como se para um paciente bravo. — Por favor...

O aço brilha e vovô cai como uma pedra. O Máscara se movimenta tão rapidamente que não compreendo o que ele fez. Não até vovó se lançar à frente. Não até ela soltar um lamento agudo, um rasgo de pura dor que me deixa de joelhos.

Vovô. Meus céus, o vovô não. Dezenas de promessas queimam em minha cabeça. Se o vovô viver, nunca mais vou desobedecer, nunca mais vou fazer nada de errado, nunca mais vou reclamar do meu trabalho...

Mas vovó puxa o cabelo e grita, e, se ele estivesse vivo, jamais a deixaria assim. Ele não conseguiria suportar isso. A calma de Darin é quebrada como se uma cimitarra o atingisse, seu rosto descorado com o horror que sinto em meus ossos.

Vovó se levanta tropeçadamente e dá um passo vacilante na direção do Máscara. Ele estende um braço para ela, como se para colocar a mão em seu ombro. A última coisa que vejo nos olhos de minha avó é terror. Então o punho de espadachim do Máscara brilha uma vez, deixando uma linha vermelha fina ao longo da garganta de vovó, uma linha que se torna maior e mais vermelha enquanto ela cai.

Seu corpo atinge o chão com uma batida seca, seus olhos ainda abertos e brilhando com as lágrimas, enquanto o sangue jorra de seu pescoço e se espalha pelo tapete que costuramos juntas no inverno passado.

— Senhor — diz um dos legionários. — Falta uma hora para o amanhecer.

— Levem o garoto daqui. — O Máscara não olha uma segunda vez para minha avó. — E queimem este lugar.

Então ele se vira para mim, e meu desejo é desaparecer como uma sombra na parede. Desejo isso com mais intensidade do que já desejei qualquer coisa na vida, sabendo o tempo inteiro quão tolo é o pedido. Os soldados a meu lado abrem um largo sorriso um para o outro enquanto o Máscara dá um passo lento em minha direção. Ele sustenta meu olhar como se pudesse farejar meu medo, como uma cobra que encanta sua presa.

Não, por favor, não. Desaparecer, eu quero desaparecer.

O Máscara pisca, e uma emoção estranha brilha em seus olhos — surpresa, choque, não sei dizer. Não importa, porque, naquele momento, Darin se levanta de um salto. Enquanto me encolho, ele solta suas cordas. Suas mãos se estendem como garras enquanto ele se lança na direção da garganta do Máscara. A ira lhe confere a força de um leão, e, por um segundo, ele é absolutamente nossa mãe, com o cabelo tom de mel brilhando, os olhos em chamas, a boca retorcida em um rosnado selvagem.

O Máscara recua até o sangue empoçado próximo da cabeça de minha avó, e Darin o derruba e começa a golpeá-lo. Os legionários ficam paralisados, sem acreditar no que veem, e então recuperam os sentidos, avançando com tudo, gritando e xingando. Darin consegue tirar uma adaga do cinto do Máscara antes de os legionários o derrubarem.

— Laia! — grita o meu irmão. — Corra...

Não corra, Laia. Ajude-o. Lute.

Mas penso no olhar frio do Máscara, na violência em seus olhos. *Sempre adorei garotas de cabelos escuros.* Ele vai me estuprar. Depois vai me matar.

Estremeço e recuo até o corredor. Ninguém me para. Ninguém me nota.

— Laia! — grita Darin, soando de maneira frenética, abafada, como eu jamais o tinha ouvido. Ele me disse para correr, mas, se eu gritasse daquele jeito, ele viria. Ele jamais me deixaria. Então paro.

Ajude seu irmão, Laia, uma voz ordena em minha cabeça. *Mexa-se.*

E outra voz, mais insistente, mais poderosa:

Você não pode salvá-lo. Faça o que ele diz. Corra.

Uma chama bruxuleia em um canto de minha visão, e sinto o cheiro de fumaça. Um dos legionários começou a incendiar a casa. Em minutos, o fogo vai consumi-la.

— Amarre-o do jeito certo dessa vez e coloque-o em uma cela de interrogatório — diz o Máscara, afastando-se da confusão e esfregando o queixo. Quando me vê fugindo pelo corredor, ele fica estranhamente imóvel. Relutantemente, cruzo o olhar com o seu, e ele inclina a cabeça.

— Corra, garotinha — ele diz.

Meu irmão ainda está lutando, e seus gritos me trespassam. Então eu sei que os ouvirei repetidamente, ecoando em todas as horas de todos os dias até eu morrer ou fizer o que é certo. Eu sei disso.

E, mesmo assim, eu corro.



As ruas apinhadas e os mercados empoeirados do Bairro dos Eruditos passam por mim como a paisagem indistinta de um pesadelo. A cada passo, parte do meu cérebro grita para eu voltar e ajudar Darin. A cada passo, isso se torna menos provável, até não ser mais uma possibilidade, até que a última palavra em que consigo pensar é *corra*.

Os soldados me perseguem, mas cresci em meio aos casebres de tijolos deste bairro e despisto meus perseguidores rapidamente.

O dia amanhece e minha corrida furiosa se transforma em um cambalear à medida que perambulo de beco em beco. Para onde vou? O que eu faço? Preciso

de um plano, mas não sei por onde começar. Quem pode me oferecer ajuda ou consolo? Meus vizinhos não vão me receber, temendo pela própria vida. Minha família morreu ou está presa. Minha melhor amiga, Zara, desapareceu em uma batida no ano passado, e meus outros amigos têm seus próprios problemas.

Estou sozinha.

O dia avança e chego a um prédio vazio, no coração da parte mais antiga do bairro. A estrutura demolida se agacha como um animal ferido em meio a um labirinto de moradias decaídas. O odor de esgoto contamina o ar.

Eu me encolho em um canto. Meu cabelo se soltou do penteado e virou um emaranhado irremediável de fios. Os pontos vermelhos ao longo da bainha do meu vestido estão rasgados, o tecido claro está solto. Minha avó costurou aquela bainha para a minha décima sétima passagem de ano, a fim de dar graça a meu vestuário apagado. Era um dos poucos presentes que ela tinha condições de me dar.

Agora ela está morta. Como meu avô. Como meus pais e minha irmã, muito tempo atrás.

E Darin. Levado. Arrastado para uma cela de interrogatório, onde os Marciais vão fazer sabe-se lá o que com ele.

A vida é feita de tantos momentos que não significam nada. Então, um dia, ocorre um único momento que define todos os segundos depois dele. O momento em que Darin gritou para mim foi um desses. Foi um teste de coragem, de força. E eu fracassei.

Laia! Corra!

Por que dei ouvidos a ele? Eu devia ter ficado. Eu devia ter feito algo. Gemo e seguro a cabeça. Continuo o ouvindo. Onde ele está agora? Será que começaram o interrogatório? Ele vai se perguntar o que aconteceu comigo. Ele vai se perguntar como a irmã foi capaz de deixá-lo.

Um movimento furtivo nas sombras chama minha atenção, e sinto os pelos da nuca se arrepiarem. Será um rato? Um corvo? As sombras se deslocam, e,

dentro delas, dois olhos malévolos brilham. Mais jogos de olhos se juntam ao primeiro, como fendas malignas.

Alucinações, ouço vovô em minha cabeça fazendo um diagnóstico. *Um sintoma de choque.*

Alucinações ou não, as sombras parecem reais. Seus olhos brilham com o fogo de sóis em miniatura e me circulam como hienas, ficando mais corajosas a cada passo.

— *Nós vimos* — elas sibilam. — *Nós sabemos da sua fraqueza.*
Ele vai morrer por sua causa.

— Não — sussurro. Mas elas estão certas, essas sombras. Eu deixei Darin. Eu o abandonei. O fato de ele ter pedido que eu fosse embora não importa. Como pude ser tão covarde?

Seguro o bracelete de minha mãe, mas tocá-lo faz com que eu me sinta ainda pior. Minha mãe teria sido mais esperta que o Máscara. De alguma maneira, ela teria salvado Darin, vovó e vovô.

Até minha avó foi mais valente que eu. Vovó, com seu corpo frágil e seus olhos ardentes. Sua determinação de aço. Minha mãe herdou o fogo de minha avó e, depois dela, Darin.

Mas não eu.

Corra, garotinha.

As sombras se aproximam e fecho os olhos para elas, esperando que desapareçam. Observo os pensamentos que ricocheteiam em minha mente e tento encurralá-los.

Ao longe, ouço gritos e a batida de botas. Se os soldados ainda estiverem procurando por mim, não estou segura aqui.

Talvez eu deva deixar que eles me encontrem e façam o que quiserem. Eu abandonei meu sangue. Mereço uma punição.

Mas a mesma sensação que me impeliu a escapar do Máscara me faz ficar de pé. Parto na direção das ruas e me perco na multidão cada vez mais densa da manhã. Alguns dos meus irmãos eruditos olham repetidas vezes para mim, uns com cautela, outros com simpatia. Mas a maioria simplesmente não me olha. Isso me faz refletir sobre quantas vezes passei caminhando bem ao lado de alguém que estava fugindo nestas mesmas ruas, alguém que tivera o mundo inteiro arrancado de si não fazia muito.

Paro para descansar em um beco escorregadio de esgoto. A fumaça escura e densa sobe em espiral do outro lado do bairro, descorando-se à medida que atinge o céu quente. Minha casa está em chamas. As geleias de minha avó, os remédios de meu avô, os desenhos de Darin, meus livros, tudo desapareceu. Tudo que eu sou desapareceu.

Não tudo, Laia. Não Darin.

Uma grade ocupa o centro do beco, a apenas alguns metros de mim. Como todas as grades no bairro, ela leva para baixo, até as catacumbas de Serra: lar de esqueletos, fantasmas, ratos, ladrões... e possivelmente da Resistência dos Eruditos.

Será que Darin andara espionando para eles? Será que a Resistência o levara para o Bairro das Armas? Apesar do que meu irmão disse ao Máscara, essa é a única resposta que faz sentido. Há rumores de que os combatentes da Resistência têm se tornado mais corajosos, recrutando não apenas Eruditos como Navegantes, do país livre de Marinn ao norte, e Tribais, cujo território desértico é um protetorado do Império.

Meus avós jamais falavam da Resistência na minha frente. Mas, tarde da noite, às vezes eu os ouvia murmurando a respeito de como os rebeldes libertavam prisioneiros eruditos quando atacavam Marciais. De como os combatentes emboscavam as caravanas da classe de negociantes marciais, os Mercadores, e assassinavam membros de sua classe mais alta, os Ilustres. Apenas os rebeldes enfrentam os Marciais. Por mais esquivos que sejam, eles são a única

arma que os Eruditos têm. Se há alguém que consegue se aproximar das forjas, são eles.

A Resistência, percebo, poderia me ajudar. Minha casa foi atacada e completamente incendiada, minha família morta porque dois dos rebeldes entregaram o nome de Darin ao Império. Se eu puder encontrar a Resistência e explicar o que aconteceu, talvez eles possam me ajudar a libertar Darin da prisão — não apenas porque me devem isso, mas porque vivem pelo Izzat, um código de honra tão antigo quanto o povo erudito. Os líderes rebeldes são o que há de melhor entre os Eruditos, os mais valentes. Meus pais me ensinaram isso antes de o Império matá-los. Se eu pedir ajuda, a Resistência não vai me ignorar.

Dou um passo na direção da grade.

Nunca estive nas catacumbas de Serra. Elas serpenteiam por baixo de toda a cidade, centenas de quilômetros de túneis e cavernas, alguns cheios com a carga de séculos de ossos. Ninguém mais usa as criptas para enterros, e mesmo o Império não mapeou as catacumbas inteiramente. Se o Império, com todo o seu poder, não consegue caçar os rebeldes, como *eu* vou encontrá-los?

Você não vai parar até conseguir. Levanto a grade e espio o buraco negro abaixo. Tenho de descer ali. Tenho de encontrar a Resistência. Porque, se eu não fizer isso, meu irmão não vai ter nenhuma chance. Se eu não encontrar os combatentes e não conseguir a ajuda deles, jamais verei Darin novamente.

IV

ELIAS

Quando Helene e eu chegamos à torre do sino de Blackcliff, quase todos os três mil estudantes da escola já estão em formação. Falta uma hora para o amanhecer, mas não vejo um único olhar sonolento. Em vez disso, um zum-zum-zum ansioso percorre a multidão. Na última vez que alguém havia desertado, o pátio estava coberto de gelo.

Todos os estudantes sabem o que vai acontecer. Cerro os punhos. Não quero ver isso. Como todos os alunos de Blackcliff, eu vim para essa academia aos seis anos e, nos catorze anos desde então, testemunhei punições milhares de vezes. Minhas próprias costas são um mapa da brutalidade daqui. Mas os desertores recebem sempre os piores castigos.

Meu corpo está teso como uma mola, mas nivelo o olhar e mantenho a expressão impassível. Os mestres dos pupilos de Blackcliff, os centuriões, estão observando. Atrair a ira deles quando estou tão próximo de escapar seria terrivelmente estúpido.

Helene e eu passamos pelos estudantes mais jovens, quatro turmas de novinhos sem máscara, que terão a visão mais clara da carnificina. Os menores mal têm sete anos. Os maiores, quase onze.

Os novilhos baixam o olhar quando passamos; somos alunos de turmas superiores e eles estão proibidos até de se dirigir a nós. Ficam parados com a expressão imperturbável, a cimitarra pendurada em um ângulo preciso de quarenta e cinco graus nas costas, botas reluzentes, o rosto inexpressivo como pedra. A essa altura, mesmo os novilhos mais jovens aprenderam as lições essenciais de Blackcliff: obedecer, conformar-se e manter a boca fechada.

Atrás dos novilhos, há um espaço vazio em honra ao segundo escalão de estudantes de Blackcliff, chamados cincos, pois muitos morrem no quinto ano. Aos onze anos, os centuriões nos arrancam de Blackcliff e nos jogam nas regiões remotas do Império, sem roupas, alimento ou armas, para sobreviver como pudermos por quatro anos. Os cincos restantes retornam a Blackcliff, recebem suas máscaras e passam mais quatro anos como cadetes, e então mais dois anos como caveiras. Hel e eu somos caveiras seniores — completando nosso último ano de treinamento.

Os centuriões nos monitoram posicionados debaixo dos arcos que delimitam o pátio, com chicote nas mãos, enquanto esperam pela chegada da comandante de Blackcliff. Eles esperam imóveis como estátuas, suas máscaras há muito tempo fundidas a seus traços, qualquer aparência de emoção uma memória distante.

Coloco a mão sobre minha máscara, e meu desejo é arrancá-la, mesmo que por um minuto. Assim como meus colegas, recebi a máscara em meu primeiro dia como cadete, quando tinha catorze anos. Diferentemente do resto dos estudantes — e para o desalento de Helen —, a prata líquida e lisa ainda não se dissolveu em minha pele como deveria. Provavelmente porque tiro a maldita coisa sempre que estou sozinho.

Eu odiei a máscara desde o dia em que um adivinho — um homem santo do Império — a passou para mim em uma caixa aveludada. Odeio como ela se apropria de mim como uma espécie de parasita. Odeio como ela se pressiona contra meu rosto, moldando-se à minha pele.

Sou o único estudante cuja máscara ainda não se fundiu à pele — algo que meus inimigos adoram ressaltar. Mas ultimamente a máscara começou a contra-atacar, forçando o processo de fusão ao enfiar minúsculos filamentos em minha nuca. Isso me provoca coceiras e me faz sentir como se eu não fosse mais eu mesmo. Como se nunca mais eu possa voltar a ser.

— Veturius. — O tenente magricelo e ruivo do pelotão de Hel, Demetrius, me chama enquanto assumimos nossa posição com os outros caveiras seniores. — Quem é? Quem é o desertor?

— Não sei. Dex e a guarnição auxiliar o trouxeram para cá. — Olho ao redor à procura de meu tenente, mas ele ainda não chegou.

— Ouvi dizer que é um novilho. — Demetrius olha fixamente para um tronco de madeira que se destaca das pedras manchadas de sangue escuro do pavimento na base da torre. O poste de açoitamento. — Um mais velho. Do quarto ano.

Helene e eu trocamos um olhar. O irmão menor de Demetrius também tentou desertar no quarto ano em Blackcliff, quando tinha apenas dez anos. Ele permaneceu três horas do lado de fora dos portões antes que os legionários o trouxessem para ter com a comandante — mais que a maioria.

— Talvez tenha sido um caveira. — Helene examina as fileiras dos estudantes mais velhos, tentando ver se está faltando alguém.

— Talvez tenha sido Marcus — diz Faris, um membro do meu pelotão de batalha que se sobressai em altura, com um largo sorriso e o cabelo loiro despontando em um topete rebelde. — Ou Zak.

Infelizmente não. Marcus, moreno e de olhos amarelados, está de pé na primeira fileira com seu irmão gêmeo, Zak, o segundo a nascer, mais baixo e mais claro, mas tão perverso quanto. O Cobra e o Sapo, como Hel os chama.

A máscara de Zak ainda não se prendeu completamente em torno dos olhos, mas a de Marcus se ajustou tão completamente que todos os seus traços — mesmo a saliência de suas sobrancelhas — são claramente visíveis debaixo dela.

Se Marcus tentasse remover a máscara agora, arrancaria metade do rosto com ela. O que representaria uma melhora.

Como se sentisse que Helene o observa, Marcus se vira e a mira com um olhar predatório de propriedade que faz minhas mãos comicharem para estrangulá-lo.

Nada fora do comum, lembro a mim mesmo. Nada que o faça se destacar.

Eu me forço a desviar o olhar. Atacar Marcus na frente de toda a escola definitivamente seria algo fora do comum.

Helene nota o olhar malicioso de Marcus. Suas mãos se cerram em punhos ao longo do corpo, mas, antes que ela possa ensinar ao Cobra uma lição, o sargento entra no pátio marchando.

— ATENÇÃO!

Três mil corpos giram para frente, três mil pares de botas se juntam ao mesmo tempo, três mil costas se esticam como se puxadas pela mão de um titereiro. No silêncio que se segue, é possível ouvir até uma gota cair.

Mas não ouvimos a comandante da Academia Militar Blackcliff se aproximar; nós a sentimos como se sente uma tempestade chegando. Ela se movimenta em silêncio, emergindo dos arcos como uma gata selvagem de pelos claros. Suas vestes são todas negras, da jaqueta justa do uniforme até as botas com pontas de aço. O cabelo loiro está preso, como sempre, em um coque firme na nuca.

Ela é a única mulher Máscara viva — pelo menos até Helene se formar, amanhã. Mas, diferentemente de Helene, a comandante exala um frio mortal, como se seus olhos cinzentos e seus traços marcantes fossem entalhados das profundezas de uma geleira.

— Tragam o acusado — ela diz.

Uma dupla de legionários aparece marchando por detrás da torre, arrastando uma forma pequena e manca. Ao meu lado, Demetrius fica tenso. Os rumores estavam certos — o desertor é um novilho do quarto ano, não tem mais do que dez anos. O sangue escorre por seu rosto e desaparece no colarinho de seu uniforme negro. Quando os soldados o largam diante da comandante, ele não se mexe.

O rosto prateado da comandante não revela nada enquanto ela observa o novilho no chão. Mas sua mão se afasta para a chibata com ferrões no cinto, feita de pau-ferro roxo-escuro. Ela não a pega. Não ainda.

— Novilho do quarto ano Falconius Barrius — sua voz ecoa, embora soe suave, quase dócil. — Você abandonou o seu posto em Blackcliff sem intenção de retornar. Explique-se.

— Não há explicação, sra. comandante. — Ele pronuncia as palavras que todos dissemos à comandante uma centena de vezes, as únicas que você pode dizer em Blackcliff quando fez uma besteira enorme.

É um desafio manter o rosto impassível, eliminar a emoção dos olhos. Barrius está prestes a ser punido pelo crime que vou cometer daqui a menos de trinta e seis horas. Poderia ser eu ali. Ensanguentado. Destruído.

— Vamos perguntar aos seus pares a opinião deles. — A comandante vira o olhar para nós, e é como ser atingido por um vento gelado. — O novilho Barrius é culpado de traição?

— Sim, senhora! — O grito balança o pavimento de lajes, irado em sua ferocidade.

— Legionários — diz a comandante. — Levem-no para o poste.

O rugir resultante dos alunos tira Barrius de seu estupor e, enquanto os legionários o amarram ao poste de açoitamento, ele se contorce e esperneia.

Seus colegas novilhos do quarto ano, os mesmos garotos com quem ele lutou, souou e sofreu durante anos, pisam com força o pavimento de lajes com suas botas e erguem os punhos cerrados no ar. Na fila dos caveiras seniores à minha frente,

Marcus grita sua aprovação, os olhos acesos com uma alegria profana. Ele encara a comandante com uma reverência reservada às divindades.

Sinto olhos grudados em mim. À minha esquerda, um dos centuriões observa. *Nada fora do comum.* Levanto o punho e torço com os outros, odiando a mim mesmo.

A comandante saca sua chibata e a acaricia como a um amante. Então a lança, e ela assobia nas costas de Barrius. A respiração entrecortada do garoto ecoa através do pátio, e todos os estudantes caem em silêncio, unidos em um momento comum, ainda que breve, de pena. As regras de Blackcliff são tão numerosas que é impossível não descumpri-las pelo menos algumas vezes. Todos já estivemos amarrados àquele poste antes. Todos já sentimos o estalo do chicote da comandante.

O silêncio não dura. Barrius grita, e os estudantes uivam em resposta, zombando dele. Marcus é o mais ruidoso, inclinando-se para frente, praticamente cuspiendo de excitação. Faris troveja sua aprovação. Até Demetrius consegue emitir um grito ou dois, seus olhos verdes inexpressivos e distantes, como se ele estivesse em algum outro lugar. Ao meu lado, Helene vibra, mas não há alegria em sua expressão, apenas uma tristeza severa. As regras de Blackcliff demandam que ela expresse ira diante da traição do desertor, então ela o faz.

A comandante parece indiferente ao clamor, concentrada que está em seu trabalho. Seu braço sobe e desce com a graça de uma dançarina. Ela dá a volta em Barrius à medida que as pernas magras do garoto começam a se encolher, pausando entre uma e outra chibatada, sem dúvida pensando como poderá tornar a próxima mais dolorosa que a anterior.

Após vinte e cinco chibatadas, ela pega o novilho pelo pescoço débil e o vira.

— Olhe para eles — diz. — Encare os homens que você traiu.

Os olhos de Barrius suplicam ao pátio, à procura de qualquer pessoa disposta a ter um pouco de pena. Ele deveria saber melhor. Seu olhar desaba para o pavimento de lajes.

A vibração continua, e o chicote desce novamente. E mais uma vez. Barrius cai sobre as pedras brancas, e uma poça de sangue se espalha à sua volta rapidamente. Seus olhos piscam em descompasso. Espero que sua mente não esteja mais ali. Espero que ele não consiga sentir mais nada.

Eu me obrigo a observar. *É por isso que você está indo embora, Elias. Para nunca mais fazer parte disso.*

Um gemido gorgolejante verte da boca de Barrius. A comandante deixa cair o braço, e o pátio fica em silêncio. Vejo o desertor respirando. Inspirando uma vez. Expirando. E então nada. Ninguém comemora. O dia amanhece, e os raios do sol desenham o céu acima da torre de ébano de Blackcliff como dedos ensanguentados, tingindo todos no pátio com um tom vermelho sombrio.

A comandante limpa a chibata no uniforme de Barrius antes de guardá-lo no cinto.

— Levem-no para as dunas — ela ordena aos legionários. — Para os abutres. — Então volta o olhar para todos nós. — O dever primeiro, até a morte. Quem trair o Império será pego e pagará por isso. Dispensados.

As filas de estudantes se dissolvem. Dex, que havia trazido o desertor, deixa o pátio em silêncio, seu rosto sombriamente belo um tanto enojado. Faris se arrasta atrás dele, sem dúvida para dar um tapinha em suas costas e sugerir que esqueça os problemas em um bordel. Demetrius caminha desolado e sozinho, e sei que ele está se lembrando daquele dia, dois anos atrás, quando foi forçado a ver o irmão caçula morrer exatamente como Barrius. Sei também que ele não estará em condições de conversar durante horas. Os outros estudantes escoam para fora do pátio rapidamente, ainda discutindo o açoitamento.

— ... apenas trinta chibatadas, que fracote...

— ... você o ouviu ofegando? Parecia uma garotinha assustada...

— Elias. — A voz de Helene é suave, assim como o toque de sua mão em meu braço. — Vamos embora. Desse jeito a comandante vai te ver.

Ela está certa. Todos estão indo embora, e eu também deveria ir.

Mas não consigo.

Ninguém olha para os restos sangrentos de Barrius. Ele é um traidor. Ele não é nada. Mas alguém deve ficar. Alguém deve chorar por ele, mesmo que por um momento.

— Elias — diz Helene, com um tom urgente agora. — Mexa-se. Ela vai te ver.

— Preciso de um minuto — respondo. — Pode ir.

Ela quer argumentar comigo, mas sua presença chama atenção, e não estou cedendo. Helene vai embora com um último olhar sobre o ombro. Quando não está mais ali, ergo a cabeça e vejo a comandante me observando.

Nós nos encaramos através do pátio comprido, e fico chocado pela centésima vez ao me dar conta de como somos diferentes. Eu tenho cabelo preto, ela loiro. Minha pele é de um moreno-dourado, a dela é branca como giz. Sua boca é sempre desaprovadora, enquanto eu pareço entretido mesmo quando não estou. Tenho ombros largos e mais de um metro e oitenta, enquanto ela é mais baixa até que uma erudita, com formas enganosamente graciosas.

Mas qualquer um que nos veja parados lado a lado pode dizer o que ela é minha. Herdei de minha mãe as maçãs do rosto salientes e os olhos cinza-claros. Assim como o instinto e a velocidade implacáveis que me tornam o melhor estudante que Blackcliff viu em duas décadas.

Mãe. Não é a palavra certa. *Mãe* evoca calor, amor e doçura. Não abandono no deserto tribal horas depois do nascimento. Não anos de silêncio e ódio ferrenho.

Ela me ensinou muitas coisas, essa mulher que me pariu. Controle é uma delas. Abafo a fúria e o asco, esvaziando-me de todos os sentimentos. Ela franze o cenho, esboça um ligeiro torcer de boca e leva a mão ao pescoço, os dedos seguindo as espirais da estranha tatuagem azul que sai de seu colarinho.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Uma chama entre as cinzas" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).